Porque aqui, remoto, afastado,
Ouvirás mais este uivo.
Imagina riachos meigos,
Árvores opulentas,
Brisa refrescante.
Imagina a natureza.

19 de novembro de 2021

Caro Professor Mansfield,

Estou a investigar um caso misterioso e suspeito que me possa ajudar. Deixe-me explicar.

Um iPhone 4 está entre uma série de objetos pertencentes a uma pessoa recentemente dada como desaparecida. Não está associado a nenhuma rede móvel e, inicialmente, parecia estar vazio, sem registos de chamadas, música, e-mails, mensagens de texto ou fotografias. Após uma análise mais aprofundada, verificou-se que continha uma série de ficheiros áudio apagados: gravações de voz em vários formatos encriptados, com datas que abrangem onze semanas em 2019. Recuperámos esses ficheiros e decifrámo-los.

No total, são 200 ficheiros. Utilizámos um *software* especializado e processámo-los em lotes para acelerar o processo de transcrição. Segue-se uma chave para o efeito, juntamente com o texto. Como se aperceberá, a transcrição é fonética, pelo que a ortografia e a gramática são, no mínimo, peculiares. Em várias ocasiões, o *software* «ouve mal» ou simplesmente aproxima palavras e frases, especialmente quando na oralidade há a supressão de uma ou mais letras. Por exemplo, a expressão «aposto eu» é frequentemente transcrita como «apostolei», «porque» torna-se, por vezes, «peque» e a cidade de Bournemouth é referida de várias formas como «bora masse», «bora amasse» e «bora ama-se». Rapidamente se habituará a isto, pelo que não deverá interferir com a sua compreensão do material.

Envio-lhe estes ficheiros, Professor, na mais estrita confidencialidade. Para lá de qualquer ligação pessoal que possa ter com o assunto, a sua opinião especializada sobre o seu conteúdo seria muito apreciada. Telefone-me quando tiver lido até ao fim, e falaremos nessa altura.

Com os melhores cumprimentos,

Inspetor Waliso

DecipherIt™

O melhor software de transcrição de alta velocidade para empresas

Automatização total
Até 99% de precisão
Identificação de várias vozes
Milhares de nomes e marcas
Adaptação a sotaque*
Pontuação avançada
Filtro de ruído de fundo
Deteção de quebras de parágrafo
Conversão de voz em texto em 60 segundos**
Opções verbatim limpas e completas
Sincronização automática da agenda***
Reconhecimento de números complexos
Identificação de línguas estrangeiras***

* até 80% de precisão
** não garantido
*** apenas com atualizações pagas

DecipherIt™

O melhor software de transcrição de alta velocidade para empresas

Chave

()	conteúdo verbal indecifrável, não ouvido ou pouco claro.
(.)	pequena pausa no discurso; ex.: um décimo de segundo.
(…)	pausa mais longa no discurso; ex.: três décimos de segundo.
=	quando o orador é interrompido por outro.
S:::im	prolongamento. O número de dois pontos indica a duração do prolongamento.
VOZ ALTA	maiúsculas, discurso mais alto (pode também indicar ênfase).
Mais baixo	texto em itálico, discurso mais calmo ou sussurrado.
.hhhhhh	inspiração detetada. Relativo à duração da respiração.
hhhhhh	expiração detetada. Relativo à duração da respiração.
(talvez)	conteúdo verbal indecifrável, com palavra sugerida com base na frase audível.
c[EXPLÍCITO]*lho*	palavra ofensiva ou vulgar, apenas no modo ***Limpo***.
[*ruído de fundo*]	ruído de fundo verbal ou não verbal detetado. Pode ou não ofuscar o discurso.
(00:01:00)	período mais longo e temporizado de silêncio ou ruído de fundo não verbal (hrs:mins:segs).
[*ref. tempo 0000*]	referência temporal detetada. Sincronização automática da agenda apenas com atualizações pagas.
[*idioma: Francês*]	idioma estrangeiro detetado. Tradução automática apenas com atualizações pagas.

FICHEIROS ÁUDIO
LOTE 1

[Início de Transcrição]

Ficheiro Áudio 1

Data: 12.04.19 14:20
Qualidade áudio: Fraca

.hhhhh Pronto? Isto é para mostrar à Maxine que eu estava a falar a sério.

Ficheiro Áudio 2

Data: 12.04.19 14:24
Qualidade áudio: Boa

Assim está melhor. Então. Estou a falar para o antigo telemóvel do meu filho e vou explicar a razão daqui a pouco. Não estou habituado a ele, por isso (. . .) Quando ele mo deu, eu estava convencido de que nunca o usaria para mais nada além de falar com a Maxine e avisar caso adoecesse. Mas nessa noite fiquei acordado até às duas horas [*DecipherIt™ ref. tempo 52781277-0988837*].

Já ouvi todas as músicas do seu iTunes. A ideia foi dele. Foi apenas a segunda vez que nos encontrámos. Ele não cresceu comigo, sabes. Nunca soube que ele existia até um conhecido ter mencionado que a mãe dele tinha tido um bebé. Fiz as contas e adicionei nove meses. Ele teria dez anos nessa altura. Há tanto para dizer, mas olho para ele do outro lado daquela mesa no Costa, com o cabelo a ficar grisalho nas pontas e pequenas rugas na testa. Penso: como é que o meu filho está tão crescido? A minha mente fica vazia de pensamentos e ficamos ali sentados em silêncio.

Por fim, digo-lhe que estou desejoso de conhecer a sua mulher e os miúdos, de ver a casa dele em Surrey e a universidade chique onde trabalha. É nessa altura que ele fica com um ar de pânico e diz que não quer que nos voltemos a encontrar. Talvez uma ou outra chamada telefónica. Manter o contacto, mas não (. . .) Por isso, ele fica calado e diz

que podemos ver-nos por FaceTime, em alternativa. Eu digo-lhe que não sei o que é isso de FaceTime. Ele pede para ver o telemóvel que me devolveram quando fui libertado e, quando lhe mostro, ri-se e diz que é um tijolo, que não se pode fazer muito com ele. Eu digo, pois é essa a ideia. Ele pensa um pouco e diz-me para ficar com o seu antigo. Vai buscá-lo ao carro e, em poucos minutos, o seu telemóvel antigo passou a ser o meu telemóvel novo.

Ficheiro Áudio 3

Data: 12.04.19 15:04

Qualidade áudio: Boa

Se eu quisesse continuar a vida que tinha antes da prisão, há muitas pessoas a quem poderia ter recorrido. Mesmo agora, depois de tudo o que se passou, com a velha malta morta ou presa, se eu espalhasse a palavra, podia estar algures, a fazer alguma coisa, num instante. Mas não o farei. Esses dias terminaram. O problema é que, deste lado da vedação, não conheço vivalma. Só a Maxine e (. . .) só a ti, Maxine. Muita coisa mudou para mim nos últimos anos. E sabes o que desencadeou isto? Aprendi a ler.

Chegaram dois jovens. Um rapaz e uma rapariga. Tinham apenas vinte e poucos anos. Diziam ter uma nova forma de ensinar adultos com problemas de literacia. Não era fácil. A maioria das pessoas naquele lugar tinha tantos problemas que a alfabetização era o menor deles. Mas estes jovens eram tão entusiastas que era impossível não nos deixarmos levar. Até os velhos durões. E os jovens que se achavam durões.

Tiraram-nos as cadeiras. Obrigaram-nos a andar pela sala. Não era como estarmos encurvados em frente a um professor, a olhar, a tentar ouvir. Puseram-nos a brincar com letras grandes do alfabeto. No início, era muito estranho. Grandes velhotes de má rês a brincarem como miúdos. Depois aconteceu uma mudança. Surgiram as palavras. Conseguia ligá-las a sons, a significados, de uma forma que nunca tinha conseguido na escola. Era como se tivesse decifrado um código secreto.

Todos nós progredimos graças àqueles jovens. Eu digo progredimos, peque, claro, a ignorância é uma bênção. O Spanners apercebeu-se de que uma das suas tatuagens mais antigas estava mal escrita. O Smelly Bob percebeu, finalmente, o graffiti na placa de identificação da sua cela. Mas, para mim, abriu uma porta onde sempre tinha existido uma parede (. . .) Parece que estou a dizer que fugi, mas (. . .) suponho que realmente fugi, na minha cabeça. De repente, o carrinho da biblioteca não era apenas onde eu comprava o meu contrabando. Estava cheio de tesouros à espera de serem descobertos.

Eu lia frase após frase. Não me fartava das palavras. Bem, eu tinha muito tempo perdido para recuperar. Em pouco tempo, já lia um livro inteiro do princípio ao fim. O Deus das Moscas. Eu estava nas sete quintas. Isso significava que conseguia ler. Finalmente. Eu conseguia. De repente, conseguia (. .) Foi quando comecei a pensar que ia fazer ISTO quando saísse. E isso ajudou-me a aguentar os últimos anos.

Todos aqueles miúdos a correrem, selvagens, naquela ilha. Lembrou-me do passado, suponho. Algo me incomodava sobre a mina Isles e o que aconteceu há tantos anos. Também li O Triunfo dos Porcos, mas eram só animais falantes. Não me afetou como o Piggy e o Ralph. Afinal, continuava a ter essa sensação. Tenho-a agora. Está sempre lá. A incomodar. Inacabada.

Ficheiro Áudio 4

Data: 12.04.19 18:44

Qualidade áudio: Boa

É uma chatice não saber como voltar a ouvir estas gravações depois de as ter feito. Talvez possam ajudar na biblioteca (. . . . .) Agora consigo ler muito melhor, mas escrever ainda é complicado. Quando descobri que posso gravar a minha voz no antigo telemóvel do meu filho, tal como aqueles gravadores antigos, mas sem necessidade de cassetes, decidi ditar isto. O que é isto? Um diário? Projeto? Investigação?

Para a Maxine. Algo para eu fazer quando termino o trabalho ao fim do dia. Mantém-me ocupado. Longe de sarilhos.

Quero deixar claro que, embora não soubesse ler, não era tão analfabeto como alguns deles. Alguns não reconheceriam o seu próprio nome nem que estivesse escrito em letras de néon. Eu não era assim. Eu conseguia reconhecer palavras importantes. Steven Smith. Lavabo. Senhores. Homens. Bilhetes. Saída. Eu decorava as formas das palavras em vez das letras individuais.

Aprendemos com o conhecimento dos outros e a leitura é uma grande parte desse conhecimento para a maioria das pessoas. Por isso, se não o conseguimos fazer, presumem que somos estúpidos. Eu posso não ser muito culto, mas conheço o mundo. Já vivi. Tive experiências e vi muitos documentários bem interessantes, sobretudo nos últimos anos. Também gostaria de dizer que me considero uma pessoa articulada. Ou seja, verbalmente. Escuto o que é dito. Não apenas ouço. Escuto. Já ouvi tantas palavras como tu leste, Maxine. E se já ouviste uma palavra uma vez, podes usá-la tantas vezes quantas quiseres a partir daí.

Durante todos esses anos, não senti falta do que nunca tive. Não sentia a necessidade de ler frases. Podia improvisar. Se fosse apanhado em falso, dizia: Perdi os meus óculos. Pode ler-me? Também tem o seu lado positivo. Pensa nisso. Se precisamos de nos lembrar de alguma coisa, escrevemo-la. Eu não conseguia — e continuo a não conseguir —, mas isso significa que me lembro das coisas. A minha memória é muito melhor do que a tua, aposto. É por isso que a mina Isles continua na minha mente, apesar de haver tanta coisa desse tempo de que NÃO me consigo lembrar. Ou esqueci. Não me lembro. Esqueci. Ou nunca soube.

Ficheiro Áudio 5

Data: 13.04.19 19:09

Qualidade áudio: Boa

Tenho estado a ouvir a *playlist* do meu filho, intitulada CARRO. Nenhuma das canções é sobre carros, por isso ele devia pôr estas músicas a dar quando estava no carro. Penso nele todos os dias na viagem de Surrey para Uxbridge. E no regresso, ao fim da tarde. Estou sempre a querer gravar a minha próxima parte, mas paro. Vou fazê-lo agora.

Vou começar pelo princípio, mas vou saltar algumas partes que não queres (. . .) Então, vou dizer que nasci em Londres no último dia de 1968. Nunca me pareceu correto dizer que nasci em 68 porque o ano já tinha acabado, e 69 seria incorreto porque ainda não tinha começado. Ainda hoje explico isso. É engraçado. Algo do género. Na escola, quando perguntavam onde morávamos, eu dizia Casa Girton e eles pensavam que vivíamos lá no alto. Eu tinha de dizer que não: vivíamos no rés do chão. Vivíamos no rés do chão de um bloco de apartamentos. Vês, algumas respostas são (. .) por vezes a verdade é enganadora.

Apostolei que, a determinada altura, devíamos ser os meus pais, o meu irmão e eu no apartamento, mas não me lembro. Quando se é assim tão pequenino, a casa ou morada é como a alma grandiosa onde rostos aparecem. Tudo um pouco disforme e difícil de recordar anos mais tarde (. . . .) Apostolei que a mãe deve ter saído muito cedo (. .) porque quase nunca se falava dela. Ainda hoje me sinto estranho ao dizer a palavra em voz alta.

Quando a digo, tenho uma sensação. De estar a ser levantado pelos sovacos. Como se quem me tivesse agarrado nunca mais me largasse. Quente. Doce .hhhhh (. . .) Já tive essa sensação antes. Vem num instante, mais frequentemente quando sinto o cheiro de certos perfumes antigos. Pó de talco misturado com outra coisa. Será que é ela? Será que, afinal, há uma memória dela no meu peito? Ou estou apenas a sentir o (. . .) vazio (. . .)

Nunca tivemos uma máquina fotográfica, por isso não há fotografias dela. E como eles nunca se casaram, também não havia fotografias do casamento. Só uma vez é que tive coragem de perguntar ao pai onde estava a mãe. Ele disse que ela tinha fugido com um fulano logo depois de eu ter nascido. Agora tem uma casa grande, disse ele, e está feliz por não vos ter aos dois com ela. Ele referia-se a mim e ao Colin. Depois, partiu uma garrafa na banca da cozinha, saiu do apartamento a correr e desapareceu durante dois dias. Nunca mais mencionei o assunto.

Não me lembro do dia exato em que o pai se foi embora para sempre. Ele ia e vinha, na melhor das hipóteses. Mas foi depois do Jubileu de Prata e antes das greves dos lixeiros. Conheceu uma rapariga simpática no bar, o Colin encolheu os ombros quando me contou. Não o podes censurar, Steve, às vezes consegues ser uma verdadeira *m*[EXPLÍCITO]*a* e ela tem um belo apartamento a norte.

A partir daí, o Colin tomou conta de mim. Costumo dizer. Levava a roupa à lavandaria e punha uma panela com feijão no fogão de vez em quando, mas não falava muito. Onze anos mais velho do que eu. Quando penso nele, lembro-me dos anos 70. E vice-versa.

Calças de ganga. Cabelo comprido. Os Boomtown Rats a tocar nos tops. Ele via televisão na cadeira junto à lareira elétrica. Com a sua camisa de nylon e camisola de alças. Se tivéssemos tido mais que uns tostões, ele teria ido mais longe. Castanhos, laranjas, amarelos, verdes, tudo a chocar de forma louca. Continuou a usar as mesmas roupas até aos anos 80. Acabou por arranjar um emprego numa fábrica de metalurgia e chegava a casa coberto de bolhas da solda.

Agora parece mau. Como se eu não tivesse tido nenhuma educação. Mas eu não conhecia nada diferente. Nem sequer penso nos meus problemas como tendo começado nessa altura. Foi no verão de 83, quando (. . .) a mina Isles (. . .)

Ficheiro Áudio 6

Data: 14.04.19 12:29

Qualidade áudio: Boa

Vou contar-te tudo agora e deixar o para-arranca. 1983 foi um verão quente em Londres. Lembro-me de muita claridade. Roupas de cor pálida. Raparigas de cor-de-rosa acinzentado, azul e branco. Eu tinha 14 anos por isso reparava no que as raparigas vestiam. Estávamos em junho ou julho.

Nessa altura, eu ainda andava na escola. E ainda me preocupava com o facto de chegar atrasado à chamada. Estava atrasado nesse dia. Mas não consegui correr. Estava um calor sufocante para aquela hora da manhã. Estava com pressa porque o rapaz com quem costumava ir a pé já tinha ido. Pensei que podia apanhar um autocarro e, nesse preciso momento, um grande autocarro verde aproximou-se da berma e parou mesmo à minha frente. Bem, pensei na sorte que tinha e saltei para o autocarro.

Como sabes, os autocarros londrinos de dois andares tinham uma plataforma aberta na parte de trás para os passageiros entrarem e saírem quando quisessem. Também sabes que os autocarros de Londres são vermelhos e não verdes. Eram certamente vermelhos no sítio onde vivíamos. Era preciso ir até aos subúrbios para encontrar um autocarro verde. É algo em que tenho pensado muito ultimamente. Aquele autocarro verde.

Por isso, entrei no autocarro e comecei a subir as escadas para me sentar na parte da frente do piso superior. Que engraçado. Não me lembro de ver mais ninguém lá dentro. Nenhum passageiro e nenhum condutor. Será a minha memória a pregar partidas? Cheguei ao andar de cima e, felizmente, também estava vazio. Quando me dirigia para o lugar da frente, algo me travou e decidi sentar-me mesmo ao fundo. Naquele lugarzinho aconchegante e escondido, muito especial. O que é que me fez fazer aquilo? Será que o vi?

Parei no meu caminho. Ali estava ele. Colocado perfeitamente sobre o forro axadrezado. Um livro.

Para mim, naquela altura, um livro era um livro. Todos os livros eram iguais. Só que tinham capas diferentes. Este tinha um desenho a lápis de um rapaz de camisola vermelha, a observar um modelo de avião no céu. Lembro-me bem disso. Tinha de pegar nele para me sentar, e assim fiz. No momento em que toquei nesse livro, o autocarro arrancou e eu sentei-me com ele no colo, sem pensar em mais nada além de ir para a escola.

Eu nunca disse ser um anjo. Nem nessa altura nem agora. Ninguém parecia ser dono do livro, por isso levá-lo não seria um roubo. Mas eu tinha consciência suficiente para saber que devia entregá-lo ao motorista. Assim, quando o autocarro se aproximou da escola, esperei na plataforma aberta e olhei para o lado. Não o conseguia ver por causa das costas do assento e da cortina meio levantada, meio descida. Teria de correr e bater na janela da sua cabina. Desisti rapidamente dessa ideia, porque a possibilidade de vender o livro tinha-se instalado na minha cabeça. Foi para a minha mochila.

A coisa de que me lembro a seguir é de estar na sala de RE. Bem. Tenho de recuar e explicar isto. Reforço Educativo não era uma aula de cidadania ou de educação moral e religiosa, como seria de esperar, mas sim de reforço de Inglês. Nem um ano antes disto, a minha professora obrigara-me a levantar-me na aula e a ler algo em voz alta. Após breves momentos, com um olhar pensativo no rosto, ela disse, com toda a naturalidade, oh, és disléxico. Oh, és disléxico. Não era um diagnóstico científico e não parecia ser nada de especial para ninguém, exceto que eu tinha de frequentar RE, em vez de Inglês com o resto da turma.

Nessa altura, éramos cinco em RE. Lembro-me de todos. Nathan, Michelle, Donna, Paul e eu. Cinco miúdos para quem duas das competências humanas mais básicas, ler e escrever, eram difíceis ou impossíveis. Todos enfiados numa sala de aula minúscula para se debaterem com aquilo que todos os outros tinham dominado facilmente uma década antes. Não admira que (. .) Pergunto-me se os outros também ainda pensam nisso.

Ficheiro Áudio 7

Data: 14.04.19 13:15

Qualidade áudio: Boa

Então, subi sorrateiramente as escadas para a sala de RE, aquela minúscula sala de aula no último andar ao fundo. Não tinha o hábito de estar atento, por isso não me recordo da aula. Sem mais nada para ocupar a mente, ela vagueou para o livro na minha mochila. Se o vendesse pelo preço certo, podia comprar batatas fritas a caminho de casa. Deslizei-o para debaixo da secretária e dei uma vista de olhos. As palavras não faziam sentido para mim, mas observei os desenhos a lápis e, ocasionalmente, as ilustrações a cores. Na verdade, estava à procura de quaisquer argumentos de venda que me ajudassem a vender o livro aos putos marrões, no intervalo.

STEVEN SMITH. Ela tinha-me topado. O que é que estás a fazer? A ler um livro, menina. Tu e as tuas histórias, suspirou ela. O que é que eu te disse? Não inventes coisas.

Ali estava ela. A mina Isles. De pé sobre mim, mãos nas ancas. Sobrancelhas levantadas. O dedo a pedir-me para lhe dar o que quer que eu tivesse debaixo da secretária.

Estendi-lhe o livro. Era um impedimento temporário. Ela ia devolver-me o livro no final da aula. Os olhos dela pousaram no livro e nunca esquecerei o tom de surpresa com que disse: OH, é MESMO um livro! A forma como as suas sobrancelhas desapareceram debaixo da franja quando viu a capa. Onde é que arranjaste isto?

Uma série de potenciais respostas circularam pela minha mente, nenhuma delas verdadeira. Numa livraria. A mina Isles regressou à sua secretária, rodando o livro nas suas mãos. Riu-se para si própria, como se estivesse a recordar algo agradável de há muito tempo.

Bem, eu podia achar a leitura difícil, mas não era burro.

Está à venda, menina. Ela fingiu não ouvir.

Li-o quando era mais nova do que tu. Era o meu preferido, disse ela, toda melancólica. Naquela altura, acrescentei um zero ao preço a pedir e uma salsicha panada ao grande pacote de batatas fritas que tinha em mente.

De repente, ela deixou de ter um olhar sonhador e olhou-me com dureza. Não devias ter isto, Steven. Não aqui. Não agora. Não nesta escola.

Porque não, menina? É meu. Eu comprei-o.

Porque foi BANIDO. O seu tom abafado provocou um pequeno arrepio na minha espinha.

Bem, até agora, os outros miúdos assistiam, meio desfalecidos pelo calor, com ar que só posso dizer que seria de gratidão por terem a aula interrompida, e alegria por não serem eles na linha de fogo. Mas, perante esta notícia, as suas orelhas aguçaram-se.

As minhas também, mas com um arrepiante sentimento de horror. Banido? Nenhuma das ilustrações tinha qualquer semelhança com as revistas de nudez rasgadas que eu tinha visto ocasionalmente no parque. Páginas rasgadas, meio pisadas na lama. Não sendo especialista, ter-me-ia escapado um elemento sexual nos desenhos infantis? Será que a mina Isles pensava que eu tinha estado a bater uma *p*[EXPLÍCITO]*a* debaixo da secretária? Engoli em seco, mortificado.

Porque é que foi banido? O Paul era um miúdo imprevisível. Temperamental. Mal-humorado. Metia-se em zaragatas como um gato vadio. Tanto os miúdos como os adultos se perguntavam em voz alta porque é que ele era assim. Ninguém o relacionava com o facto de o seu pai se ter enforcado na sua garagem alguns anos antes. Naquele tempo era assim.

Tem palavrões? A Michelle, ou Shell, parecia a Jay dos Bucks Fizz. Cabelo comprido e loiro, brincos, maquilhagem. Quando éramos miúdos, costumávamos andar juntos pelas redondezas. Ela era expulsa do apartamento quando a mãe tinha um cliente, por isso batia à minha janela e sentávamo-nos nos baloiços no escuro. Ela não tinha pai e eu não tinha (. . .) *mãe*. Mas isso era na altura. Em 1983, a Shell era areia a mais para o meu camião.

A mina Isles estava apoiada na secretária. De pernas cruzadas, ela examinava o livro com atenção, com os olhos a devorarem cada página. Finalmente, olhou para cima. Suspirou.

Porque é que FOI banido? Digam-me vocês.

Depois leu-o para nós.

Bem, ela não pode ter lido o livro todo em voz alta. Mas leu bastante. Admito que fiquei fascinado. Lembro-me de partes dele até hoje. Um grupo de miúdos com nomes floridos vai acampar e vê uns movimentos duvidosos num campo de aviação abandonado. A turma ficou tão silenciosa enquanto ela lia. Havia algo de hipnótico no ritmo das palavras. Lembra-te de que éramos miúdos que não sabiam ler sozinhos, por isso acho que, nesse momento, sentimos o gosto do que estávamos a perder. Mas agora sou eu a dizer isso. Eu, um velhote que acha que percebe um pouco melhor.

Que bip é este? Oh, é.

Ficheiro Áudio 8

Data: 14.04.19 14:03

Qualidade áudio: Boa

Era só a Maxine a ligar. Onde é que eu ia?

Então, a mina Isles pediu silêncio enquanto lia. A história avançava rapidamente até que ela virou uma página e parou. Ficou congelada no local, cativada por algo no livro. Um pedaço de papel. Ela virou-o nos dedos, examinou-o, observou mais de perto como se fosse difícil de ver. Depois franziu o sobrolho como se estivesse perante o mais extraordinário dos enigmas.

Deixou cair a folha de papel entre as páginas. Lentamente, consultou o relógio. Fechou o livro. Ficámos quietos, em silêncio, enquanto a observávamos. Trocámos olhares curiosos. Depois, aconteceu algo memorável.

O que é que acontece no fim? O Nathan não falava. Simplesmente não falava. Naquela altura, quando um miúdo não falava — e quero dizer MESMO NADA — era simplesmente o miúdo que não falava.

Todas as cabeças se viraram para olhar para ele. Capuz para cima, mesmo com aquele calor. Garantidamente, ele não conseguia ver grande coisa assim. O único miúdo negro da turma.

Será que descobrem quem é o desconhecido? A Donna tinha cabelo curto como um rapaz. Invulgar naqueles tempos.

Porque é que está banido, professora? O Paul tinha de saber isto.

Nada. Finalmente, a campainha tirou a mina Isles dos seus pensamentos. Olhou para nós, cinco rostinhos todos à espera de uma resposta, com a sua atenção arrebatada pela primeira vez. Um bando de rejeitados que não aprendia nada na escola num dia bom (. . .) sim, ela via que estava a conseguir alguma coisa.

Vou ler o resto na próxima aula e depois falamos sobre isso, disse ela, para o nosso suspiro coletivo de resignação. Entretanto, eu não me tinha esquecido da minha salsicha panada com batatas fritas. Enquanto os outros miúdos pegavam nos seus sacos e saíam, aproximei-me da secretária.

Desculpe, professora, mas preciso que me devolva o livro OU é seu por dez libras. Ela olhou para mim.

Steven, este livro é uma distração. O meu trabalho é evitar que ele arruíne a tua educação. De qualquer forma, há algo que preciso de investigar.

Mas, menina, eu (. .) eu preciso de (.) É (. . .) Ela sabia que eu o tinha encontrado? Ia procurar o seu proprietário legal? Em pânico, não conseguia pensar suficientemente depressa.

Onde é que o encontraste mesmo? Ela tinha o livro aberto, encostado ao peito, fora do meu alcance.

Engoli com força. Como é que ela sabia que eu o tinha encontrado? Tenho de enfrentar isto. Encolhi os ombros, não me lembro.

Com um ESTALIDO agudo, ela fechou o livro e o pedaço de papel saiu. Ela apanhou-o. Olhou-me de novo, desta vez com um olhar estranho.

O que é que é isto? Disse-o como se nunca tivesse visto aquele pedaço de papel. Olhei para ele, recuperei o estado de espírito.

Um marcador de livros, menina. Devia custar mais uma libra, mas por dez libras e cinquenta, pode ficar com ele de graça.

Algumas expressões cruzaram o rosto da mina Isles.

Vê. Aqui. Ela enfiou o pedaço de papel momentaneamente debaixo do meu nariz. Uma linha de carateres dançou diante dos meus olhos, tão ininteligível como sempre, antes de ser arrancada da minha vista para sempre.

Diz para entregar a Alice Isles. Este livro é meu, Smithy. Ela olhou fixamente. É para MIM.

Ficheiro Áudio 9

Data: 14.04.19 14:53

Qualidade áudio: Boa

Dizia mesmo isso? Não faz sentido que o diga. Eu só encontrei o livro por acaso, não foi? Ela sabia muito bem que eu não conseguia ler o que estava escrito no papel. Mas tendo em conta o que aconteceu a seguir, não tenho tanta certeza. Sei que saí daquela sala de aula com a sensação de ter sido enganado. Senti-me tão — o quê? — enervado que decidi ali mesmo que nunca mais seria enganado, nunca mais seria apanhado em flagrante, estaria sempre um passo à frente dos outros. E sim, olhando para trás, aqueles momentos a sós com a mina Isles foram provavelmente a última vez que fiquei sem palavras. Mas foi apenas o início desta história.

[Fim de Transcrição]

FICHEIROS ÁUDIO
LOTE 2